

**Franceilza Freitas de Alencar**

**RESILIÊNCIA:**

**Um exercício de reflexão teórica a partir da  
biografia da escritora Carolina Maria de Jesus.**

**Curso de Psicologia**

**Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**São Paulo  
2010**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Curso de Psicologia**

**Franceilza Freitas de Alencar**

## **RESILIÊNCIA:**

**Um exercício de reflexão teórica a partir da  
biografia da escritora Carolina Maria de Jesus.**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Jr.

**São Paulo**

**2010**

Para minha família, que me amparou...  
e sem a qual, tecer a vida e a concretização desse  
ciclo, não seria possível.

# Agradecimentos

---

Em primeiro lugar agradeço ao professor Plínio de Almeida Maciel Júnior, orientador deste trabalho, pela oportunidade de com ele compartilhar esse rico percurso de aprendizado e conquistas. Pessoa que, sem dúvida, deixa a impressão do seu empenho e dedicação naquilo que se propõe a fazer. Amizade e admiração sempre.

À Maria Thereza Alencar, Teca, gratidão pelo acolhimento, cumplicidade e ombro amigo.

À Maria de Lourdes Trassi Teixeira, Lurdinha, pela atenção dispensada, o carinho e o empréstimo de seus livros.

Aos professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, especialmente do curso de Psicologia, que participaram e contribuíram para a realização de minha formação profissional e humana.

Agradeço às bibliotecas do campus Monte Alegre e Santana da PUC/SP às quais recorri, em nome de suas funcionárias Lucinha, Denise e Ana (coordenadora das bibliotecas PUC/SP). Às “meninas” da secretaria do curso de Psicologia: Regina, Sara, Sandra, Janete, Luci, Ângela e Jacira.

Aos amigos que estiveram por perto e ajudaram, de uma forma ou de outra; em especial à Rejane Tito, com quem dividi alegrias, tristezas e

inquietações, pela amizade atenta e afetuosa. À dona Edite, mãezinha, e à Luciana Oliveira Siqueira, carinhosamente Lu, pela companhia, dicas, sugestões e auxílio em momentos marcantes da minha vida. A todos aqueles com os quais compartilhei ocasiões importantes.

À Maria Lúcia Queiroz, luz, que iluminou e ajudou-me a seguir e prosseguir caminhos que se apresentaram tão estreitos e dolorosos.

Agradeço também aos meus pais, Isaura e Francisco, que conseguiram encarar com firmeza o “assustador contato com a tessitura do viver” \* e de tal contato superarem com vigor, a despeito das cicatrizes que ficaram em consequência dos sofrimentos enfrentados. E puderam, considerando “tudo” que passaram, transmitir aos seus filhos o seu legado. Aos meus irmãos, Franciêdo e Franceilma, presenças preciosas em minha vida.

Ao Helbert, meu “companheiro-amor”, com quem desde 1996 percorri diversos caminhos. Quantos mais ainda estarão por percorrer... Tempo de nossas vidas.

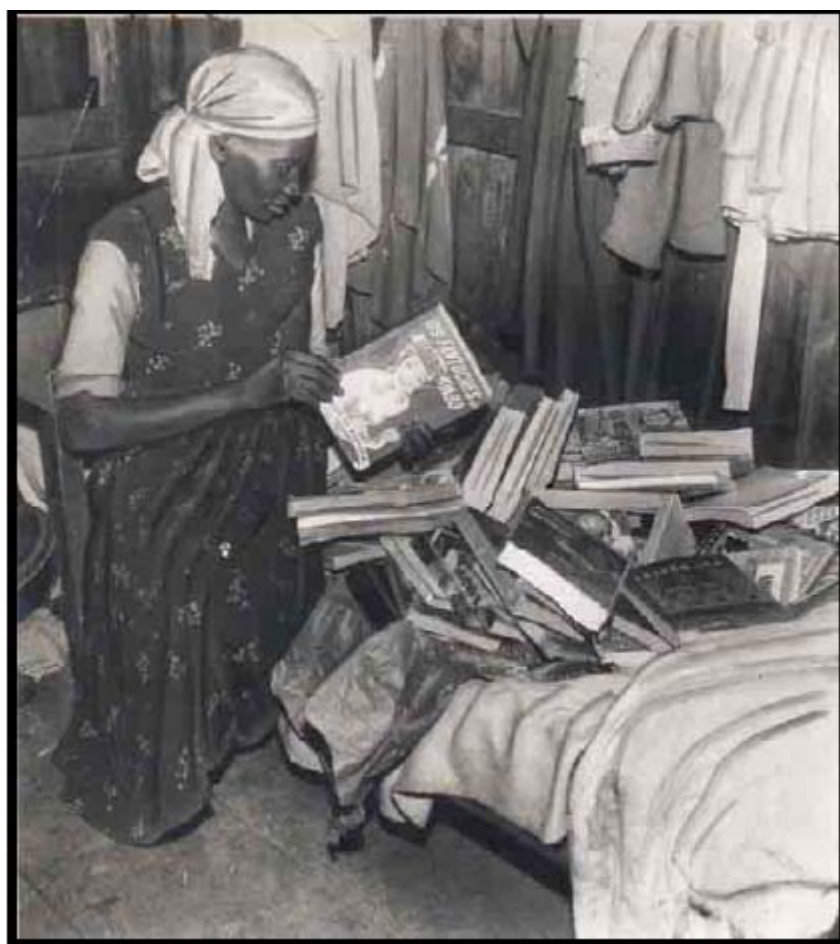
\* Termo cunhado por Clarice Lispector.

(...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela.

**(Jesus, 1960, p. 59-60)**



**Barraco nº 9 na favela do Canindé, onde Carolina morou com seus filhos de 1948 a 1960. Jornal Última Hora, 22/ 12/ 1960. Arquivo do Estado de São Paulo. Código: ICO- UH- 0369.**



**Carolina Maria de Jesus e seus livros na favela do Canindé, 1960.  
Jornal Última Hora, 15/ 06/ 1960. Arquivo do Estado de São Paulo.  
Código: ICO- UH- 0369.**



**Carolina na favela do Canindé, Rua A, barraco número 9, 1960.**

**Arquivo Audálio Dantas.**

Alencar, Franceilza Freitas de. **Resiliência: um exercício de reflexão teórica a partir da biografia da escritora Carolina Maria de Jesus**. 2010. Orientador: Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Junior.

## Resumo

---

A promoção dos direitos da população que vive em condições peculiares de vulnerabilidade necessita de certa abrangência, de modo a considerar as dimensões subjetivas, sociais e políticas. Nesse sentido, o conceito de resiliência tem despertado o interesse científico através de pesquisas que investigam como o indivíduo coloca-se frente a situações de risco pessoal e social. Ele reflete a capacidade individual de enfrentar assertivamente as dificuldades, apesar do impacto negativo das experiências adversas da vida. O presente trabalho se propõe como um exercício de reflexão teórica sobre a resiliência, priorizando em sua análise um dos fatores que a constituem: as capacidades internas do sujeito para enfrentar tais situações adversas. Considerando o impacto do conceito no campo da Psicologia, o trabalho buscou, a partir de uma revisão bibliográfica, discutir os principais fatores (individuais, familiares e contextuais) que impulsionam a capacidade de resiliência em pessoas que vivenciam situações traumáticas e adversas de vida. Para tanto, este exercício de reflexão foi ilustrado por elementos da história de vida da escritora Carolina Maria de Jesus, autora da obra “Quarto de Despejo”, – reconstituída não somente por seus livros, mas também pelos de outros autores.

Palavras-chave: resiliência, vulnerabilidade, fatores de risco, fatores de proteção.

# Sumário

---

**Introdução..... 01**

**A biografia de Carolina Maria de Jesus..... 06**

**Resiliência: o conceito e suas contribuições para a pesquisa com/sobre  
pessoas em situação de vulnerabilidade e risco..... 17**

**Referências Bibliográficas.....31**

# Introdução

---

Em primeiro lugar, desejo iniciar este trabalho situando o leitor no caminho pelo qual enveredei e por meio do qual foi possível a sua realização.

O interesse pelo tema foi resgatado da minha infância e adolescência, mantendo-se até os dias de hoje. Quando eu era criança<sup>1</sup>, em meado dos anos 80, conheci meninas, meninos, jovens e adultos que enfrentavam muitas dificuldades frente às condições precárias de vida a que estavam submetidos.

A população aqui referida situava-se em Perus<sup>2</sup>, um bairro mais setentrional de São Paulo (integrante da zona norte da capital), elevado a Distrito pela Câmara Municipal de São Paulo em 21 de setembro de 1934. Nos anos 60, ocorreria uma ampliação do núcleo urbano originário. Na década de 70, do ponto de vista urbanístico, foi evidenciada a Rodovia dos Bandeirantes – inaugurada em 1973 – cuja construção implicou na desapropriação de um número considerável de famílias. Foi nessa ocasião que surgiram as primeiras favelas do bairro. A largada ulterior da urbanização teria início em meados dos

---

<sup>1</sup> O período aqui citado consiste na década de 80, sendo importante esclarecer que ainda não havia sido feita a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (instrumento de suma importância para esse trabalho), sendo que esta ocorreu no ano de 1990.

<sup>2</sup> Em 1867, junto com a antiga São Paulo Railway (atual Estrada de Ferro Santos-Jundiaí), foi inaugurada a Estação de Perus, dando início a um processo de urbanização do Vale, cujos grandes marcos foram a Companhia Melhoramentos de São Paulo (1890); o Hospital Psiquiátrico do Juquery e sua Fazenda (1898); a Estrada de Ferro Perus-Pirapora (EFPP, 1910) e a Companhia Brasileira de Cimento Portland (1926).

anos 80, período no qual o lixo se torna uma grande preocupação, bem como a “carência” de equipamentos de saúde e serviços sociais.

É nesse contexto que se torna possível acompanhar ao longe o movimento de crianças e adolescentes<sup>3</sup> nas saídas graduais aos bairros do e/ ou próximos ao centro da cidade de São Paulo, ou seja, para viverem nas ruas; em alguns casos, observa-se o envolvimento dos mesmos em algum tipo de ato infracional<sup>4</sup>.

A despeito das dificuldades vividas pela população referida, alguns destes jovens pareciam trazer dentro de si potencial e pujança para lidar positivamente<sup>5</sup> com os problemas. Desde então, diversos questionamentos trilharam junto a mim os caminhos por onde andei: *“O que acontecia e por que alguns – e não todos – eram/ são mais afetados pelas adversidades que os acometiam?”*. Em princípio, a pergunta não apresentava esta formulação, mas, continha seus elementos principais.

Durante a graduação de Psicologia, mais precisamente no sétimo período do curso, na disciplina “Projeto de Pesquisa”, tive que desenvolver o projeto para o trabalho de conclusão de curso a partir de um tema de meu

---

<sup>3</sup> De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade. (Art. 2, p. 45)

<sup>4</sup> Segundo o ECA, considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal. (Art. 103, p. 73)

<sup>5</sup> O termo “positivo” está sendo utilizado aqui no sentido de favorecimento do processo de desenvolvimento dos indivíduos, conforme será esclarecido adiante.

interesse. Foi nesse momento que me ocorreu realizar um trabalho sobre crianças em situação de rua, um estudo exploratório que se ocuparia dessas vidas, no tocante à pobreza; de pensar o desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco, especialmente a identificação dos fatores que contribuem para a condição de resiliência, que, à título de introdução do conceito, pode ser definida como a capacidade que alguns indivíduos demonstram para lidar com condições e situações adversas, às vezes sobrepostas, sem sucumbir às mesmas, isto é, evitando a interrupção de seu processo desenvolvimental.

O projeto formulado inicialmente visava identificar tais fatores por intermédio de uma pesquisa empírica de metodologia qualitativa, fazendo uso dos instrumentos de observação e entrevista semi-dirigida com crianças em situação de rua. No entanto, devido a uma série de contratemplos – entre eles o da viabilidade de cumprimento do prazo para a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, como determina a resolução MS 196/96 do Conselho Nacional de Saúde; e o tempo restante suficiente para realização da coleta de dados e confecção do trabalho – houve, então, a necessidade de reformulação do projeto no sentido de manter a temática inicialmente proposta, mas pela via de um exercício de reflexão teórica sobre resiliência, ilustrado com a biografia da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, alguém que, segundo a nossa hipótese, pode ser considerada como uma pessoa que se mostrou resiliente ao longo de sua trajetória de vida.

No Brasil, a produção de conhecimentos científicos sobre crianças e jovens que se desenvolvem em situações desvantajosas como a rua ou em situações de pobreza ainda é incipiente na perspectiva da resiliência, apesar do grande contingente da população que cresce em tais circunstâncias (Hutz & Koller, 1997). Compreende-se um vazio entre a realidade concreta do desenvolvimento de nossas crianças e jovens e a produção do conhecimento no país, lacuna esta que nos últimos anos começa a ser preenchida por alguns grupos de pesquisadores, como o grupo do CEP-RUA<sup>6</sup>/ UFRGS.

Membros deste, Neiva-Silva & Koller (2002), mencionam que

“(...) descrever a população infanto-juvenil em situação de rua, também tem sido uma tarefa difícil, especialmente pela ausência de métodos adequados de abordagem e de avaliação das variáveis a serem estudadas. Contagens de crianças e adolescentes nas ruas têm sido realizadas amplamente no Brasil, tendo como objetivo principal a utilização destes resultados para planejamento de intervenções. No entanto, se não houver uma aplicação direta e contemporânea dos resultados destes achados, eles deixam de ter valor e utilidade para a intervenção com crianças em situação de rua. (...) As dúvidas sobre meninos e meninas em situação de rua são, portanto, crescentes e se mantêm como uma incógnita nos estudos psicológicos. Existe, ainda, uma considerável carência de informações concretas e sistematizadas sobre as suas condições de vida. Por isso, pesquisas nesta área são extremamente relevantes e necessárias, seja para melhorar as condições de vida destas crianças, seja para quebrar a estereotipia e o preconceito que existe com relação a elas. As pesquisas constroem conhecimentos que identificam e avaliam as condições de vida, as qualidades, as limitações das crianças que vivem na rua ou daquelas que a utilizam para sua sobrevivência. Estes conhecimentos podem servir para subsidiar programas de prevenção e de intervenção. Servem, ainda, para mostrar com maior clareza quem são estas crianças e como elas vivem, o que poderá, certamente, melhorar a qualidade de vida de cada um deles e da sociedade que os rodeia” (p. 206).

---

<sup>6</sup> Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninas e Meninos de Rua / Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, o presente trabalho buscará apresentar uma reflexão teórica sobre o conceito de resiliência, visando identificar os principais fatores que constituem a condição resiliente, dado que o conceito vem sendo utilizado mais recentemente nas pesquisas brasileiras que se atêm aos estudos com crianças, adolescentes e adultos em situações de vulnerabilidade e risco, como é o caso daqueles que vivem nas ruas. (Koller & Hutz, 1996, p. 5)

Conforme explicitado anteriormente, meu exercício de reflexão teórica sobre a resiliência será ilustrado pela biografia da escritora Carolina Maria de Jesus, conhecida mundialmente por uma de suas obras que teve maior impacto: “Quarto de Despejo”. Portanto, apresentarei inicialmente uma síntese de sua história de vida e, a partir daí, iniciarei minha reflexão.

# A BIOGRAFIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

## O Início: Sacramento<sup>7</sup>

Carolina Maria de Jesus nasceu no ano de 1914<sup>8</sup>, na Cidade de Sacramento, localizada no Triângulo Mineiro, sendo que nesse período Uberaba unificava a rota com centro-sul, por meio da qual era feito o abastecimento de víveres. Conhecida como *porto do sertão*, Sacramento – um dos arraiais de Uberaba – tornou-se, no início do século XIX, uma espécie de entroncamento de produtos agropecuários e de escravos.

Tal condição assegurava o permanente deslocar de comitivas, escravos, mercadorias e cidadão livres, que após a Abolição seriam sucedidos pela migração de ex-escravos e trabalhadores nordestinos.

De acordo com as análises de outros autores, o pai biológico de Carolina era músico popular e tocava em casas noturnas. Sua mãe, Maria<sup>9</sup>, não chegou a coabitar com o pai de Carolina. Assim que a filha nasceu, o mesmo saiu de casa. As informações sobre o pai de Carolina são poucas e, quando

---

<sup>7</sup> A síntese da biografia da escritora Carolina Maria de Jesus que será apresentada aqui se baseou fundamentalmente nas seguintes obras: Carolina Maria de Jesus (1960, 1986), Eliana de Moura Castro & Marília Novais de Mata Machado (2007), José Carlos Gomes da Silva (2007) e Sonia Ranincheski (1999).

<sup>8</sup> “A data de nascimento constante do registro é 14 de março de 1914, o que lhe daria 20 anos completos em 1934. Na certidão de batismo, emitida pela Paróquia Nossa Senhora do Patrocínio do Santíssimo Sacramento, a data é 6 de outubro de 1915.” (Castro & Machado, 2007, p. 13)

<sup>9</sup> É importante esclarecer que o nome da mãe da escritora era Maria Carolina. Para evitar confusões entre as duas personagens, optou-se por referir, no corpo do trabalho, como “Carolina” a escritora e como “Maria” sua mãe.

apresentadas, aparecem na forma como a sua mãe o descrevia:

Um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. E o da minha avó era Joana Veloso. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele só tinha um terno de roupas. Quando ele lavava a sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa secar para vesti-la e sair. (Jesus, 1986, p. 8)

Em sua obra, *Diário de Bitita*, Carolina revela o sentimento de perda afetiva com o desconhecimento da paternidade: “... *conhecia o pai do meu irmão e não conhecia o meu.*” (Jesus, 1986, p. 7)

Nos primeiros anos da vida de Carolina, sua mãe e seu avô parecem ter sido as pessoas mais importantes para ela. Carolina nasceu em uma família matrifocal, comum nos países cuja economia se apoiava no trabalho escravo. Talvez isso explique o sólido vínculo que manteve com a mãe. (Silva, 2007)

Segundo Silva (*op. cit.*), Maria foi uma mulher determinada que enfrentou os preconceitos comuns à condição das mulheres negras. Mesmo nas situações em que foi parar na prisão sem motivos, não se abalou e as enfrentou de forma resignada. Em relação a isso, há relatos de que Carolina e o irmão, crianças na ocasião, iam para a porta da delegacia e ficavam chorando até que alguém aparecesse para ajudar a liberar a mãe da cadeia.

Mesmo tendo se casado numa época em que o poder masculino não era posto em questão, Maria não dependia do marido para seu sustento e o dos filhos, apresentando, neste sentido, a condição de mulher “semi-livre”. Seu

trabalho como lavadeira garantia a provisão da família. Outro aspecto notório da biografia da mãe de Carolina foi quando admitiu publicamente que mantinha relação extraconjugal, tendo que enfrentar mais um preconceito: o de mulher infiel. Apesar disso, tomou para si o dever de cuidar e sustentar tanto Carolina quanto Jerônimo, seu outro filho. De modo geral, as referências feitas por Carolina à mãe são positivas, denotando o vínculo afetivo estabelecido com a mesma.

### ***Infância e adolescência de Carolina***

Quando Carolina nasceu, Sacramento tinha 15.750 habitantes, 4.000 na zona urbana e os outros no campo. Embora em franco desenvolvimento, era cidade de apenas duas ruas grandes, a do Comércio e a Avenida Municipal, e 18 outras, largas e retas. (Cerchi, 1996, p. 25.)

Segundo Magnabosco (2002), os pobres viviam nos arrabaldes, onde as casas eram pobres e insalubres, construídas em terreno do patrimônio, remanescentes de doações à igreja católica e aforadas pela prefeitura. Maria e sua família moravam em um bairro pobre de Sacramento. A casa era de adobe e coberta de capim, e o chão era de terra. Sua mãe era casada com Osório Pereira, união da qual nascera Jerônimo Pereira, irmão de Carolina.

Carolina nasce de uma relação fora do casamento. Maria, devido à situação em que se encontrava e sendo moradora de uma cidade pequena,

utilizou remédio para abortar, “... pois ter um filho com outro era um escândalo. O bebê, apelidado Bitita, chorava sem parar, dia e noite, para desespero da família.” (Castro & Machado, 2007, p. 16)

Há poucas informações sobre a infância e a adolescência, a maior parte delas publicada no livro póstumo de Carolina, *Diário de Bitita*, sendo que, em relação à primeira, conforme Castro & Machado (*op. cit.*), seu relato está permeado por elementos de fantasia da própria escritora.

De todo modo, é possível saber que a infância de Carolina foi pobre e difícil, uma vez que sua família não tinha recursos suficientes para sustentá-la e ao irmão.

Carolina mantinha uma relação muito próxima com o avô, Benedito, que era filho de escravos da etnia cabinda. Ele nasceu liberto em decorrência da promulgação da Lei do Ventre Livre e faleceu em 1927, quando Carolina estava com 13 anos. Segundo relato dela própria, a perda do avô teve grande impacto em sua vida. Ele representava para ela a figura paterna e seu objeto de idealização (Castro & Machado, *op. cit.*). Ela também se refere ao avô como um contador de histórias que influenciou seu gosto pela narrativa e a fez desenvolver uma visão positiva de suas origens africanas. Esta relação com o avô parece tê-la compensado afetivamente da ausência paterna. As descrições que faz sobre ele são sempre amáveis: “... era um preto alto e calmo. Resignado com o soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje.” (Jesus, 1986, p. 7). Recorria ao

avô sempre que as relações com a mãe se tornavam difíceis. Este atuava também como tutor, fornecendo-lhe conselhos, orientações sobre o estudo e a forma como deveria comportar-se no mundo dos brancos. A rígida conduta moral era proposta como estratégica para a sobrevivência em uma sociedade fundamentada na discriminação racial. A imagem construída por Carolina sobre o avô reforça o conceito de ser este um mestre da tradição oral. A cidade o conhecia como “Sócrates Africano”. Confirma que, por meio do avô, adquiriu também saberes fundamentais que a prepararam para o enfrentamento da vida diária.

Uma passagem de sua infância que marcou certamente sua história consiste nos dois anos de estudo que lhe foram proporcionados. A perseverança de uma patroa de Maria torna possível o ingresso e frequência da menina à escola do Instituto Allan Kardec. A adaptação a esse período não foi fácil, especialmente porque Carolina ainda mamava aos sete anos de idade. Tudo indica que o processo de interrupção do aleitamento materno provavelmente lhe causou sofrimento. (Castro & Machado, *op. cit.*)

Se, por um lado, este episódio lhe causou sofrimento, por outro lado possibilitou-lhe o acesso ao universo da escrita e da leitura, no qual poderia racionalizar, bem como fantasiar o dia a dia. Os dois anos de estudo dos quais pôde usufruir darão um sentido extremamente importante para a vida de Carolina.

Diante da descoberta de que sabe ler, ela adentra a casa cheia de

alegria e desejosa de partilhar com a mãe seu esforço e conquista. Tomada pelo fascínio que a leitura lhe propiciou, Carolina despertou interesse por ler tudo o que encontrava e tinha acesso. A necessidade de escrever – que vai se tornando cada vez mais presente – e a avidez de conhecimentos, vão despertando nela um forte desejo pela leitura, costume que será cultivado até os últimos dias de sua vida. (Castro & Machado, *op. cit.*)

Essa conquista que se apresenta tão deslumbrante deixa marcas de mais um momento de ruptura em seu processo de desenvolvimento, pois, finalizando o segundo ano na escola, os seus estudos são interrompidos por uma mudança de moradia e de cidade, uma vez que Maria iniciou um relacionamento com novo parceiro e a família foi morar e trabalhar numa fazenda em Lageado, onde ficam vivendo durante quatro anos.

No início, a situação foi difícil para Carolina, mas logo ela

“... descobriu a beleza da natureza e a fertilidade da terra. Era com prazer que capinava, plantava e colhia. A visão positiva e idealizada da cultura da mãe Terra permaneceu sempre, seja como um sonho, como uma volta as origens ou uma fuga da violência urbana”. (Castro & Machado, 2007, p. 21)

Após este período de moradia e trabalho em Lageado, Carolina inicia suas deambulações que vão durar cerca de dez anos. Ao longo deste período, ela passa por várias cidades mineiras, sempre caminhando a pé. Também se trata de uma fase em que ela apresentará sérios problemas de feridas nas

pernas, o que a levou a buscar tratamento em várias Santas Casas. Numa delas, acaba trabalhando como cozinheira para poder garantir o seu tratamento médico. Após ter melhorado das pernas, ela volta para Sacramento, onde começa a trabalhar como doméstica na residência de uma família de posses. Nesta casa, sofre uma acusação de roubo e vai parar na delegacia, onde é insultada e humilhada. Mais tarde, descobre-se que tudo não passou de um mal-entendido, mas ninguém lhe pediu perdão e tampouco a polícia foi informada deste engano.

Passa novo período em que inicia novas atividades de trabalho, algumas junto com Maria, e sempre como doméstica, sendo que novas situações de espoliação ocorrem.

Segue-se outra fase de andarilha, com muitas idas e vindas para Sacramento, de vários empregos nos quais não se fixa, até que sua própria família a recebe com desagrado, inclusive Maria. Pouco tempo depois, volta a desenvolver feridas nas pernas e, visando fazer repouso para se recuperar, acaba achando um dicionário com o qual se distrai na leitura. Ocorre que acaba sendo acusada de estar lendo um livro de bruxarias (livro de São Cipriano) e isto a leva novamente para a prisão junto com a mãe, onde são espancadas por um policial. Passam vários dias presas e só conseguem a liberdade após o pagamento da fiança por um primo.

Este episódio promove novas feridas em suas pernas e, diante da condição precária em que se encontravam, Carolina e Maria vão para as ruas

pedir esmola. Acabam conseguindo novos empregos que não duram muito tempo, até que, em um deles, conhece um casal que iria se mudar para São Paulo e precisava de uma empregada doméstica. Apresenta-se, então, para ela, a oportunidade de realização de um sonho e, aos 23 anos, vem de trem para São Paulo, em 1937.

Mesmo diante das modificações imprevisíveis e dolorosas de seu curso de vida, Carolina apresentava alguma capacidade de superação.

### **Canindé: Carolina no “Quarto de Despejo”**

O modelo de família matrifocal que experimentara na infância foi praticado por Carolina na vida adulta, quando passou a residir em São Paulo. Teve vários amantes e namorados, mas, por decisão pessoal, não firmou laços conjugais com nenhum. Manteve-se sempre na condição de chefe de família, responsabilizando-se pelos cuidados de três filhos: João, José Carlos e Vera Eunice. Vangloriava-se dessa condição autônoma e criticava as mulheres casadas que se submetiam ao despotismo dos esposos. (Silva, 2007)

As pessoas que mantiveram contatos próximos com Carolina no período em que residiu na favela do Canindé, nos anos de 1948 a 1960, confirmam que, de fato, os filhos formavam um núcleo muito fechado em torno da mãe.

Pouco antes do nascimento do primeiro filho João José, em 1948,

Carolina carregou o material para a construção do seu barraco até a favela do Canindé e ela própria o construiu, possivelmente com o auxílio dos vizinhos. O barraco possuía dois cômodos, “não muito cômodos”<sup>10</sup>. Nessa moradia improvisada Carolina passaria onze anos.

Carolina jamais teve contato com o pai de seu filho. Enfrenta a situação vivida com coragem e dá conta do dia-a-dia conforme suas possibilidades. Seu filho João José nasce em 1º de fevereiro de 1949. Mediante tal condição, ser catadora de papel e do que mais encontrasse pelas ruas de São Paulo impõe-se a ela como uma necessidade pungente, como a única saída. Com o filho nos braços e o saco de papéis em suas costas, percorria as ruas da cidade buscando recolher o que era aproveitável para vender e, com o dinheiro obtido, comprar alimentos.

Pouco mais de um ano depois do nascimento de seu primeiro filho, em 1950, Carolina dá a luz ao segundo, José Carlos. Diante da situação vivida, ela necessita levar em suas andanças os dois filhos e o saco de papel. No ano de 1953, nasce sua filha Vera Eunice. Diferentemente dos partos anteriores, que ocorreram no hospital, este se deu em seu barracão, na favela, e foi realizado por uma senhora espanhola por quem Carolina tinha consideração:

---

<sup>10</sup> Em “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, da escritora Carolina Maria de Jesus, o jornalista Audálio Dantas, na apresentação da obra, assim o descreve: “O barraco é assim: feito de tábuas, coberto de lata, papelão e tábuas também. Tem dois cômodos, não muito cômodos. Um é sala-quarto-cozinha, nove metros quadrados, se muito for; e um quarto quartinho, bem menor, com lugar para uma cama justinha lá dentro”.

“(...) Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo.” (Jesus, 1960, p. 23-24).

Os caminhos da cidade devem ser percorridos dia-a-dia em busca de algo que seja equivalente a comida, pois, segundo Carolina, ela está sempre em falta. Permanecia na rua o dia todo e o dinheiro não dava. O imperativo da vida exige que ela seja uma “lutadora incansável”<sup>11</sup>. Na medida em que se ausentava para catar papel e levar alimento aos filhos, atormentava-se com o fato de deixá-los sós:

“Carolina se inquieta com a segurança dos meninos, volta depressa, temendo que alguém os maltrate. Protege os filhos como uma tigresa a sua prole. Prefere evitar o contato com os outros habitantes da favela e se fecha em seu barracão, proibindo aos filhos brincar com as outras crianças. Procura preservá-los da influência perniciosa da favela (...)” (Castro & Machado, 2007, p. 39).

Em seu diário, Carolina denunciou a fome cotidiana; a sua revolta pela exposição que as crianças sofriam – agressão, infortúnio, promiscuidade; a vida atribulada que levava; o suplício que era enfrentar a fila da água, etc., mas, também, mencionou os momentos de alegria e canto; dos sonhos; da necessidade de escrever, bem como da possibilidade de fantasiar.

---

<sup>11</sup> De acordo com José Carlos S. B. Meihy & Robert M. Levine (1994, p. 113), Maria Puerta se lembra de Carolina como uma pessoa muito discreta, lutadora incansável e que não se misturava com os vizinhos.

Após mais de uma década morando na favela do Canindé, Carolina Maria de Jesus, por meio do sucesso de seu livro, foi morar em “casa de alvenaria”, um sítio em Parelheiros, interior de São Paulo, onde morreu, em 1977, aos 62 anos.

## **RESILIÊNCIA: o conceito e suas contribuições para a pesquisa com/sobre pessoas em situação de vulnerabilidade e risco.**

Tema largamente analisado e investido de amplas discussões, adquiriu, nos últimos quarenta anos, renome no meio científico. Esse constructo moderno designado *resiliência* tem sido estudado pelas mais diversas áreas do conhecimento e, dentre elas, a Psicologia. De acordo com Barlach (2005), estudos que envolvem questões relacionadas a esse fenômeno ganham importância à medida que se constata o aumento de desastres socioambientais, induzidos pela ação predatória do homem sobre o ambiente, bem como a vivência de traumas decorrentes de formas de violência com forte impacto social, tais como ataques terroristas, bombas, assassinatos e catástrofes urbanas, dentre outros.

Embora haja uma diversidade de pesquisas sobre o assunto, o conceito de resiliência ainda se encontra em fase de discussão e debate (Junqueira & Deslandes, 2003). Oriundo do latim, o termo *resilio* significa retornar a um estado anterior. Em princípio, a resiliência, tal como concebida pelas ciências exatas, foi utilizada para se referir à capacidade elástica de determinados materiais. Nessa perspectiva, diferentes materiais apresentam distintos módulos de resiliência. (Yunes e Szymanski, 2001)

Apenas nos anos 70, o tema começou a ser avaliado com mais constância pela psicologia:

Do ponto de vista histórico, a introdução do conceito de resiliência na Psicologia foi precedida pela utilização dos termos “invulnerabilidade” e “invencibilidade” diante de fatores estressantes, propostos em estudos sobre a psicopatologia do desenvolvimento (Barlach, 2005).

Indicando a capacidade de resistir às adversidades, o constructo passou a denotar a habilidade de se adaptar, bem como de se reequilibrar constantemente frente aos infortúnios.

Com o passar do tempo e com o avanço das pesquisas sobre *stress*, o termo invulnerabilidade tornou-se inconsistente, uma vez que o *stress* foi identificado como um fenômeno gradual, que afeta cada pessoa de maneira diferenciada; portanto, cada indivíduo pode ser mais ou menos vulnerável a fatores estressantes e de diversas naturezas. (Muñoz, Vélez, & Vélez, 2005)

Aqui, compreendendo o constructo *resiliência* como a capacidade de cada ser humano de adaptação bem-sucedida, torna-se relevante fazer um paralelo com a vida de Carolina, pois, diante de um repertório de perdas e interrupções, como o rompimento do seu segundo ano de estudo, por exemplo, ela mostrou-se capaz de superar sua contundente frustração criando outros mecanismos, adaptando-se ao “novo” que a ela se apresentava, de modo a apegar-se a algo que pudesse amenizar a experiência negativa. Destacando-se, ainda, seu esforço ao longo de sua existência para encontrar uma finalidade para a própria vida.

Yunes e Szymaski (2001) explicam que a palavra resiliência aparece em contraposição aos termos invencibilidade e invulnerabilidade, e enfatizam que é

mais apropriado se falar em limites de cada pessoa em relação à vivência de experiências negativas. Yunes (2003), coloca também que resiliência se refere à habilidade de superar adversidades, o que não significa que não ocorram mudanças no indivíduo, como sugerem os termos invulnerabilidade e invencibilidade.

Não é possível afirmar que desde o início de sua vida Carolina tivesse um potencial claro de resiliência tomando por base o seu breve sucesso após a publicação de *Quarto de Despejo*, pois este foi uma particularidade de seu viver. No entanto, esse potencial se evidenciava na sua capacidade de perseverança em todas as situações de suplício que ela viveu: “... *suporto as contingências da vida resoluto. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência.*” (Jesus, 1960, p.19)

A definição, anteriormente referida, tende ao que foi sugerido por Rutter (1987, *apud* Pesce *et. al.*, 2004), de que se trata de um somatório de processos de naturezas social e psíquica que permite o desenvolvimento sadio, mesmo em contexto não sadio. A autora ainda destaca que, como processo, a resiliência não pode ser considerada um atributo do indivíduo ou uma característica adquirida ao longo do desenvolvimento, e sim um fenômeno interativo entre sujeito e seu meio, ou seja, como o intercâmbio entre variação individual e resposta do ambiente a essa variação:

“... eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu

caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos.” (Jesus, 1960, p. 49).

Embora não tivesse conhecido o pai biológico, Carolina tinha como referência paterna o avô materno. Por intermédio desse avô, ela entrou em contato com suas origens africanas que ele narrava por meio de contos e histórias. Descrevia-o por sua sabedoria, embora analfabeto, pelos valores que defendia, pela inteireza de seu caráter, pela sua integridade moral e pelo quanto era respeitado pelas pessoas. Ambos, mãe e avô, fizeram parte de um “... processo de combinação entre os atributos de Carolina e de seu ambiente familiar, social e cultural resultando da interação entre aspectos individuais, do contexto social, da potencialidade dos acontecimentos no decorrer da vida e dos chamados fatores de proteção.” (Lindström, 2001, p. 135)

Nesse mesmo aspecto, Junqueira e Deslandes (2003) afirmam que não há um consenso conceitual para o termo resiliência, sugerindo que as definições tendem a ser mais operacionais que descritivas. Para as autoras, no entanto, é importante destacar que as definições necessitam ser consideradas tomando como base a ressignificação do problema, e não a sua eliminação, uma vez que o modo como os indivíduos superam eventos estressantes deve ser relativizado em função do contexto e das características pessoais de cada um.

O “despejo” do qual nos fala Carolina é o despejo de quem sofreu expulsão, daquele que foi arremessado para fora das condições dignas de vida

às quais deveria ter direito todos os seres humanos, mas também é o despejo que denota desembaraço, habilidade, veemência: "... corajosa, sempre ousou dar sua opinião, o que lhe valeu o apelido de 'língua de fogo'. E por ser uma presença forte, os políticos a adulavam e lhe pediam para participar da campanha, subindo nos palanques para falar a favor deles." (Castro & Machado, 2007, p. 43)

Na favela do Canindé, era Carolina quem chamava a rádio-patrolha, separava as brigas, levava as notícias dos jornais e do mundo, etc. Ela escrevia de modo a colocar em ordem os seus conceitos, anseios, emoções, angústias, alcançando, dessa forma, bem-estar.

Para que se compreenda a resiliência é preciso concebê-la aportada em dois grandes pólos: o da adversidade, representado pelos eventos desfavoráveis, e o da proteção, voltando-se para a compreensão de fatores internos e externos ao indivíduo, mas que o levam necessariamente a uma reconstrução singular diante do sofrimento causado por uma adversidade. (Assis, Pesce & Avanci, 2006)

Conforme Castro e Moreno-Jiménez (2007), a seriedade dos riscos e a susceptibilidade individual a experiências negativas são dois aspectos fundamentais a serem considerados na compreensão da resiliência. Se, por um lado, há que se analisar a natureza e a magnitude dos eventos no modo como estes podem afetar indivíduos negativamente, por outro, também se devem ponderar as predisposições individuais para desenvolver psicopatologias

quando em contato com experiências potencialmente estressantes.

Adicionalmente, Pesce et al. (2004) acrescentam que é necessário o estudo dos designados fatores de risco e de proteção para se aferir a resiliência. Segundo os autores, as experiências negativas na vida de cada sujeito são inevitáveis, e, sendo assim, o desenvolvimento de um padrão denominado resiliente envolve a interação entre os fatores acima mencionados. Para Barlach (2005), estes podem originar-se de fontes internas, externas ou de ambas, tanto de risco quanto de compensação, e essas fontes se influenciam mutuamente ao longo do tempo.

Carolina, a despeito das vicissitudes, das privações do mínimo para sobreviver, foi impulsionada a viver. Sua forte e resistente aspiração de superação ajudou-a a passar pelas dificuldades. Valendo-se de mecanismos preciosos, em busca de assegurar sua saúde mental, ela sonhava e fantasiava, como fica claro nestes trechos de seu mais famosos livro:

*“... eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando; (...) a noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido.”* (Jesus, 1960, p. 30-33)

Assim, os fatores de risco afetam a capacidade de resiliência, uma vez que esses aumentam a susceptibilidade do indivíduo para resultados negativos em seu desenvolvimento. Dentre as variáveis apontadas por Pesce et al. (2004) que podem ser mencionadas como possíveis fatores de risco, estão:

- 1) níveis e número de exposições a eventos estressores;
- 2) sentido atribuído ao evento estressor;
- 3) acúmulo dos fatores de risco;
- 4) cronicidade dos eventos; e
- 5) níveis de tolerância ao estresse.

De maneira complementar, Trombeta e Guzzo (2002) enfatizam que os fatores de risco, embora aumentem a probabilidade do estresse, não são preditores de psicopatologias.

A vida de Carolina é um manancial para se pensar a respeito da capacidade de superação que o ser humano desenvolve frente às adversidades. Destaca-se sua coragem e independência ao longo de toda a existência para encontrar um propósito para a própria vida: sua busca por autonomia, não somente no sentido sócio-econômico, mas autonomia para realizar seus sonhos que iam muito além deste aspecto.

Não se pode afirmar que Carolina tenha sido uma mulher com potencial explícito de resiliência. Porém, esse potencial estava sinalizado na sua capacidade de persistir e resistir, apesar de tudo o que vivera. Sua compulsão/necessidade de escrever foi o meio que encontrou para anunciar/ denunciar as condições nas quais vivia, bem como demonstrar seus sentimentos e propagar sua visão de mundo, a visão do “seu mundo” – Quarto de Despejo.

É verdade que sua biografia também é composta de situações nas quais se via desesperançada e desesperada e, por isso, vislumbrava o suicídio, conforme apontam Castro & Machado (2007): "... a tentação do suicídio em Carolina, marcando o grau máximo de desespero, é vencida pela incomum capacidade de perseverar, apesar das adversidades". (p. 29.) A própria Carolina se refere a estes momentos:

*"Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidarmos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida."*  
(Jesus, 1993, p. 153)

A relação entre a existência de uma situação de risco e a capacidade de resiliência foi analisada no estudo de Poletto, Wagner & Koller (2004). Quatro meninas com idades entre 8 e 12 anos, em situação de risco, que é definida pelo envolvimento direto no cuidado com os irmãos menores e na realização de atividades domésticas, foram entrevistadas com o objetivo de estabelecer possíveis relações entre resiliência e aspectos referentes a atividades diárias, cuidados com os irmãos, sentimentos e relacionamentos e percepções em relação ao cotidiano. Os resultados desse estudo sugerem que a vivência diária de uma situação de risco induz ao amadurecimento antecipado em relação a crianças da mesma idade que não estão expostas a essa demanda e, além disso, que a resiliência surge como um fenômeno dinâmico na medida em que as crianças nessas condições buscam recursos para superar as situações adversas.

Desses resultados, depreende-se que a resiliência se configura como um processo de natureza fundamentalmente interativa, em que o conjunto composto por fatores de risco e de proteção está na base de seu desenvolvimento e modulação. Nessa vertente, pode-se dizer que, além da influência dos fatores de risco, os fatores de proteção também estão envolvidos na capacidade de resiliência (Pesce et al., 2004); estes auxiliam na redução do impacto de risco e de reações negativas e, como tais, são preditivos de resiliência. Dessa forma, Trombeta e Guzzo (2002) afirmam que os fatores de proteção promovem ganho de controle sobre a vida e incentivo ao bem-estar, à saúde psicológica, mesmo diante de fatores de risco.

Segundo Pinheiro (2004), os fatores de proteção se desenvolvem através da interação de características pessoais (empatia, auto-eficácia, assertividade, habilidades sociais, comportamento direcionado para metas e habilidade em resolver problemas), condições familiares (qualidade das interações, estabilidade, coesão e pais assertivos) e redes de apoio do ambiente (ambiente tolerante aos conflitos, reforçadores positivos e limites definidos).

Paludo & Koller (2005) investigaram a interação entre fatores de risco e fatores de proteção em adolescentes que vivem em situação de rua. Por meio de entrevista semi-estruturada, foram abordadas as possibilidades e as adversidades presentes na trajetória de vida de uma adolescente de 14 anos, moradora de rua, sendo que, para tanto, utilizou-se a abordagem ecológica de

Bronfenbrenner (1996) para investigar os aspectos evolutivos em relação a contexto, processo, tempo e características pessoais. Como principais dados do estudo, tem-se que a exposição a fatores de risco é constante na vida da adolescente; no entanto, alguns fatores de proteção, como características pessoais e rede de apoio, são aspectos que colaboram para o desenvolvimento de resiliência.

Esses resultados estão em consonância com o que é apontado por Lindström (2001), a respeito de que são muitos os recursos dos quais pessoas em situação de risco podem dispor para superar uma situação difícil, dentre os quais estão características pessoais, contexto social, quantidade e qualidade dos acontecimentos no decorrer da vida e fatores de proteção encontrados na família e na rede de relacionamentos interpessoais.

Além dos fatores de risco e de proteção, as estratégias de enfrentamento (*coping*) também têm sido importantes na compreensão da capacidade de resiliência de um indivíduo. De acordo com Folkman e Lazarus (1985), *coping* são os esforços cognitivos e comportamentais utilizados pelo indivíduo para lidar com situações de *stress*, sendo que este é definido por Belancieri (2005) como "... um processo biopsicossocial (...) em que diante de um estímulo (evento estressor) é desencadeado um processo psicofisiológico (*stress*) ao qual o organismo responde (reações de *stress*), quer seja através de manifestações adaptativas, quer seja patológicas" (p. 19).

Dessa forma, Lisboa *et. al.* (2002) afirmam que o indivíduo experimenta

uma sensação emocional desagradável diante de uma situação percebida como estressante e, em consequência, procura adotar estratégias para minimizar seu desconforto. A análise dos recursos disponíveis e das alternativas possíveis precede o desenvolvimento de estratégias de *coping*, e, uma vez que determinadas ações são adequadas para certos contextos, mas podem não o ser para outras, diferenças significativas nas estratégias de *coping* são observadas.

Como sugerem dados de estudos sobre *coping*, a existência de características de risco e de proteção está associada ao desenvolvimento de padrões resilientes e, sendo assim, contribui para que o indivíduo incorpore estratégias de enfrentamento que permitam a ele desenvolver uma adaptação positiva frente a um estressor. Essa consideração se reflete, portanto, na necessidade de estabelecer formas efetivas de planejar e implementar intervenções com o objetivo de promover o desenvolvimento de resiliência, tendo como alvo diferentes populações. (Lisboa *et. al.*, 2002)

A partir do acima exposto, pode-se dizer que, embora a literatura na área venha mostrando avanços na compreensão da resiliência, esse campo, como área recente no campo das ciências humanas, necessita de mais pesquisas que possam apresentar resultados até então encontrados, a fim de verificar quais questionamentos são mais comuns nos estudos sobre este tema, que métodos têm sido adotados mais comumente, os principais resultados e as possíveis lacunas a serem preenchidas em investigações futuras.

Nesse sentido, Junqueira e Deslandes (2003) propuseram uma revisão do conceito de resiliência a partir da análise das produções na área, utilizando como abordagem metodológica a teoria acerca do caráter ideológico do conhecimento. Diante dos dados obtidos, as autoras afirmam que, embora haja um ponto em comum entre as publicações no que diz respeito à importância atribuída às relações microssociais na promoção da saúde, o termo resiliência ainda é alvo de inúmeras controvérsias, e, além disso, necessita ser estudado levando em consideração os processos subjetivos e a história de vida do indivíduo, dentre outros.

Adicionalmente, na pesquisa de Barlach (2005), objetivou-se realizar uma revisão do conceito de resiliência a fim de contribuir com a sua construção. Para tanto, foi utilizada como estratégia metodológica o confronto entre as manifestações de resiliência presentes em obras de diferentes modalidades da literatura e as interpretações propostas por autores com trabalhos recorrentes na área. Dentre os resultados encontrados em relação à revisão do conceito de resiliência, a autora ressalta que as pesquisas nesse campo ainda não convergem quanto à definição, operacionalização e mensuração dos resultados no estudo desse fenômeno. Além disso, sugere que os conceitos de fatores de risco e de proteção necessitam ser discutidos de forma mais abrangente, e, por último, os resultados dos estudos devem servir como subsídio para programas de intervenção.



**Carolina, seus filhos e seus sambas em sua primeira Casa de Alvenaria, 1960. Jornal Última Hora, 07/ 12/ 1960. Arquivo do Estado de São Paulo. Código: ICO- UH- 0369 – Carolina Maria de Jesus.**



**Carolina Maria de Jesus mudando-se da casa de alvenaria para o sítio, 1964. Jornal Última Hora, 28/ 01/ 1964. Arquivo do Estado de São Paulo. Código: ICO- UH- 0369.**

## Referências Bibliográficas

---

ASSIS, S. G. PESCE, R. P. & AVANCI, J. Q. **Resiliência – Enfatizando a proteção dos adolescentes**. Porto Alegre, Artmed, 2006. 144 p.

BARLACH, L. **O que é resiliência humana? Uma contribuição para a construção do conceito**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BELANCIERI, M. F. **Enfermagem: estresse e repercussões psicossomáticas**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

CASTRO, E. de M., & MACHADO, M. N. de M. **Muito bem, Carolina!: biografia de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte, C/Arte, 2007. 136p.

CASTRO, E. K., & MORENO-JIMÉNEZ, B. Resiliencia em niños enfermos crônicos: aspectos teóricos. **Psicologia em Estudo**, 12 (1), 81- 86, 2007.

Conselho Federal de Psicologia (2000). **Resolução CFP 016/2000 que dispõe sobre a realização de pesquisa em psicologia com seres humanos**. Disponível no site [www.pol.org.br](http://www.pol.org.br) - recuperado em 08 de junho de 2002.

DIMENSTEIN, G. A. **A guerra dos meninos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ECA - **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal n. ° 8069/ 1990.

FOLKMAN, S., & LAZARUS, R. S. If it changes it must be a process: study of emotion and coping during three stages of a college examination. **Journal of Personality and Social Psychology**, 48 (1), p. 150- 170, 1985.

JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. São Paulo, Livraria Francisco Alves (Editora Paulo de Azevedo Ltda), 1960. 182p.

\_\_\_\_\_ **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JUNQUEIRA, M. F. P. S., & DESLANDES, S. F. Resiliência e maus-tratos à criança. **Cadernos de Saúde Pública**, **19**(1), 227-235, 2003.

KOLLER, S. H. & HUTZ, C. S. Meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, diversidade e definição. **Coletâneas da ANPEPP**, **1 (12)**, 5- 12, 1996.

LINDSTRÖM, B. O significado de resiliência. **Revista Adolescência Latinoamericana**, **112**(3), 133-137, 2001.

LISBOA, C., KOLLER, S. H., BITENCOURT, K., OLIVEIRA, L., PORCIUNCULA, L. P., & De MARCHI, R. B. Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, **15**(2), 345-362, 2002.

MUÑOZ, D. E. O., VÉLEZ, D. E. J., & VÉLEZ, T. M. U. La resiliencia en la promoción de la salud de las mujeres. **Investigación y Educación en Enfermería**, **23**(1), 78-89, 2005.

NEIVA-SILVA, L., & KOLLER, S. H. A rua como contexto de desenvolvimento. Em E. R. Lordelo, A. M. Carvalho, & S. H. Koller (Orgs.), **Infância brasileira e**

**contextos de desenvolvimento** (pp. 205-230). São Paulo: Casa do Psicólogo – Salvador: Ed. UFBA, 2002.

PALUDO, S. S., & KOLLER, S. H. Resiliência na rua: um estudo de caso. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, **21(2)**, 187-195, 2005.

PESCE, R. P., ASSIS, S.G., AVANCI, J. Q., SANTOS, N. C., MALAQUIAS, J. V., & CARVALHAES, R. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cadernos de Saúde Pública**, **17(4)**, 887-896. 2005.

PINHEIRO, D. P. N. A resiliência em discussão. **Psicologia em Estudo**, **9(1)**, 67-75, 2004.

POLETTO, M., WAGNER, T. M. C., & KOLLER, S. H. Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, **20(3)**, 241-250, 2004.

SILVA, J. C. G. da. Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977). **Revista Eletrônica Semestral do Programa de Estudos**

**Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP**, São Paulo, n. 2, 2º sem. 2007.

TROMBETA, L. H. A. P., & GUZZO, R. S. L. **Enfrentando o cotidiano adverso**. Campinas, SP: Alínea, 2002.

[UNIFESP] Universidade Federal de São Paulo. Departamento de Psiquiatria – **Projeto Quixote** [on-line] Disponível em: URL:

<http://www.projetoquixote.epm.br>. [29 abr.2009]

YUNES, M. A. M., & SZYMASKI, H. **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, M. A. L. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, 8 (N. especial), 75-84, 2003.